

Das fogueiras ao cinema: representações no filme de animação *Paranorman*¹

Leonardo José COSTA²

Rafael Jose BONA³

Universidade do Vale do Itajaí, UNIVALI, Itajaí/SC

Resumo

O artigo faz uma análise fílmica de *Paranorman* (2012, Chris Butler e Sam Fell), com base em autores que abordam o cinema e, conseqüentemente, a mídia como espaço de representação. Observa-se também a relevância da presença do conteúdo histórico envolvendo o período de caça às bruxas no filme. A pesquisa se classifica como descritiva e analítica, e sua abordagem é qualitativa. Com os resultados alcançados percebeu-se que o filme permitiu uma reflexão sobre o quanto o ser humano pouco evoluiu ao longo da história, quando refere-se a aceitar e a julgar o “diferente”, ao lembrar os famosos julgamentos das “Bruxas de Salém”, em 1692. Filmes como *Paranorman* possuem estereótipos e preconceitos e evidenciam a importância que estes produtos audiovisuais têm como fonte de representação e são instrumentos de conscientização social.

Palavras-chave: preconceito; representações; bruxas; cinema de animação; audiovisual.

1 Introdução

A figura da bruxa está presente no cinema há quase um século e sua aparição nas telas ganhou destaque quando *Häxan: a feitiçaria através dos tempos* (1922, Benjamin Christensen) chegou aos cinemas no formato de um longa metragem, parte documentário, parte filme de terror, que mostrava como o misticismo e a falta de conhecimento sobre algumas doenças poderiam levar à histeria e a caça às bruxas. Desde então, essa personagem passou a ganhar diferentes abordagens, que serviram de base para o referencial que temos hoje do universo bruxólico, conforme Lucena Júnior (2001).

Em 2012, a Laika Studios trouxe aos cinemas uma animação em *stop motion* chamada *Paranorman*, na qual o garoto Norman, que vive em uma pequena cidade

¹ Trabalho apresentado no IJ 4 – Comunicação Audiovisual do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017.

² Graduado em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). E-mail: leojcosta@outlook.com

³ Professor orientador. Doutor em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná (PPGCom/UTP), linha de pesquisa Estudos de Cinema e Audiovisual. Docente e pesquisador da Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI) e da Universidade Regional de Blumenau (FURB). Membro do grupo de pesquisa Monitor de Mídia (UNIVALI/CNPq). E-mail: bona.professor@gmail.com

estadunidense, tem o dever de salvar a cidade da maldição de uma bruxa. O filme, objeto de estudo deste trabalho, faz alusão no presente diretamente aos acontecimentos de 1692⁴, e volta a apresentar a figura da bruxa como vítima da intolerância e do preconceito. O problema de pesquisa está diretamente relacionado a esse conteúdo, pois questiona qual a importância de se manter viva, na contemporaneidade, a história dos acontecimentos em Salém. Assim, o objetivo geral deste trabalho é analisar esta inserção do conteúdo histórico nas cenas do filme, complementado por seus objetivos específicos, que foram: identificar elementos presentes no filme que remetem ao período histórico analisado; apontar comportamentos comuns envolvendo o preconceito no período da inquisição e na sociedade contemporânea, representada pelos personagens; evidenciar como os personagens apresentam a contextualização dos elementos referentes à caça às bruxas em Salém, Massachusetts, no ano de 1692; e mostrar como o filme representa a bruxa em sua narrativa.

De tal forma, no contexto midiático, tem-se a bruxa como um ser que representa tanto o mal, quanto o bem transformado em mal, quando não compreendida e aceita por um grupo dominante. A representação das bruxas se mostra presente em diversos filmes, seriados e livros e sob diferentes abordagens. Assim, ao longo dos anos pode-se perceber que enquanto alguns autores e diretores continuam a colocá-las como eternas vilãs, houve aos poucos uma discreta mudança na imagem construída por meio de décadas de repetição de um discurso negativo em cima dessa figura que desperta fascínio, medo e curiosidade nos atores sociais.

Ao ter como objeto de estudo para se observar comportamentos e representações sociais um filme, e este sendo um produto da mídia, Fischer defende que esta “é um lugar privilegiado de criação, reforço e circulação de sentidos, que operam na formação de identidades individuais e sociais, bem como na produção social de inclusões, exclusões e diferenças” (FISCHER, 2001, p. 3). Assim, é preciso estar ciente da importância do filme como elemento capaz de alterar ou reforçar comportamentos e ideais, dependendo de como o tema em questão é trabalhado.

Logo, o que leva a analisar esse contexto e seus desdobramentos é justamente a conduta representada nas telas que remete à aversão ao diferente e está presente todos os dias nos noticiários, levando ao questionamento do quanto realmente mudamos ao longo

⁴ No ano em questão, vários homens e mulheres foram condenados à fogueira pelo ministério puritano em Salém, Massachusetts, após algumas garotas do vilarejo serem pegas dançando em uma floresta e tal comportamento ser associado ao culto ao demônio. O episódio resultou em uma histeria em massa conforme mais e mais pessoas eram acusadas de bruxaria e condenadas à morte por seus amigos e vizinhos.

dos anos. A peculiar representação do tratamento dado ao diferente no período de caça às bruxas mostrado no filme, e o mesmo aplicado em seus personagens em um contexto atual, proporciona momentos de reflexão ao deixar claro como a sociedade possui ainda hoje, dentro de si, a herança dos inquisidores de outrora. A compreensão desse comportamento intolerante pode ser encarada como uma forma de exercer esse dever de não apenas gerar registros históricos dos fatos, mas também apontar soluções e dar voz àqueles que se sentem discriminados, para que ao contrário do que ocorreu no início do período moderno, deixe à luz os culpados desses crimes para uma sociedade mais justa, ciente e compreensiva das diversidades que a compõem.

2 Marco teórico

No âmbito das representações, uma das ferramentas mais significativas é, sem dúvida, o cinema, capaz de levar a milhões de pessoas a ilusão de realidade em forma de uma obra de arte audiovisual. O cinema, com sua amplitude, consegue abranger um público heterogêneo que, por meio dos gêneros cinematográficos, se identifica e absorve significações de acordo com o que produtoras mundiais lançam no mercado, principalmente as estadunidenses.

A representação no cinema, quando analisada com caráter mais técnico, implica em conceitos como os de Aumont e Marie (2001), que afirmam que neste, a representação gera dois movimentos ligados:

- a passagem de um texto, escrito ou não, à sua materialização em lugares agenciados em cenografia (tempo da encenação)
- a passagem dessa representação, análoga à do teatro, a uma imagem em movimento, pela escolha de enquadramentos e pela construção de uma sequência de imagens (montagem). (AUMONT; MARIE, 2001, p. 256).

Tratar do cinema como ferramenta de representação requer também alguns cuidados para que o discurso cinematográfico seja apreendido de modo que a sua representação social, quando utilizada, não seja apenas uma representação parcial, como aponta Stam ao alertar que “a priorização da representação social, da trama e da personagem leva com frequência a uma negligência das dimensões cinematográficas específicas dos filmes” (STAM, 2003, p. 304). Isso se dá, segundo o autor, pois não percebemos como a inserção das representações é utilizada no longa. Fatores que designam a “imagem” de um grupo social em um filme, por exemplo, devem, segundo

Stam, gerar perguntas sobre essas imagens, como: quanto espaço os diferentes grupos sociais ocupam em um mesmo plano? Qual a frequência e tempo em que ficam expostos em cena? São personagens ativos ou apenas decorativos? Além de outras questões técnicas que podem afetar a percepção das representações no cinema.

Abdala Júnior (2008) aborda também sobre o modo como o cinema refere-se às representações e versa sobre o discurso cinematográfico como uma das ferramentas utilizadas para representar a realidade nos filmes. Assim, recomenda que:

deve-se cuidar, sobretudo, para que o discurso cinematográfico não se converta em “verdade” (nem mesmo um documentário), uma vez que é característico dos seus dispositivos levar ao público a esse tipo de percepção. Assim, para poder ser empregado como ferramenta cultural, um filme deve ser problematizado, não somente no que se refere ao seu conteúdo, como em suas estratégias narrativas e de convencimento. (ABDALA JÚNIOR, 2008, p. 136).

Quando se discute sobre a representação na grande tela, as questões envolvidas geralmente retomam também o conceito de representação social, comumente atribuído ao cinema, como aponta Aumont ao afirmar que este “é concebido como o veículo das representações que uma sociedade dá de si mesma” (AUMONT, 1994, p. 98). Segundo o autor, essa representação relata e se torna importante não apenas para o cinema como um produto cultural em si, mas também para a sociedade, que vê no produto um reflexo de seus dias:

é na medida em que o cinema tem capacidade para reproduzir sistemas de representação ou articulação sociais que foi possível dizer que ele substituiu as grandes narrativas míticas. A tipologia de um personagem ou de uma série de personagens pode ser considerada representativa não apenas de um período do cinema, como também de um período da sociedade. (AUMONT, 1994, p. 98).

É também sobre essa representação da realidade e seu contexto que Tarapanoff se refere quando afirma que:

O filme coloca à mostra as relações do ser humano com o outro, com a sociedade e o mundo. Transportam-nos para dentro da história e dos continentes, das guerras e dos períodos de paz, revelando a universalidade da condição humana e a singularidade de cada indivíduo no tempo e no espaço. (TARAPANOFF, 2011, p. 2)

Com os aspectos técnicos e conceituais levados em conta no cinema, tem-se então um veículo que não só se encarrega de criar representações e passá-las ao público, mas também é uma “rica fonte de informações sobre representações em nossa sociedade”

(TARAPANOFF, 2011, p. 2), que pode então ser estudado a fundo para uma melhor compreensão das questões sociais que permeiam a realidade.

3 Procedimentos e métodos

A pesquisa se classifica como descritiva na qual se faz uma análise do conteúdo histórico contido no longa selecionado em cinco cenas distintas e alternadas ao longo dos seus 91 minutos. As cenas escolhidas foram analisadas em seu idioma original, o inglês, e assim foram selecionados para análise elementos como personagens, ambientação, diálogos, tempo e espaço e como se dá a inserção do conteúdo histórico sobre caça às bruxas nesses elementos. No quadro, a seguir, são apresentadas as cinco cenas selecionadas e suas devidas minutagens:

Fotograma	Cena	Início	Término	Duração
	1	00:07:07	00:07:44	00:00:37
	2	00:09:20	00:10:50	00:01:30
	3	00:54:40	00:56:44	00:02:04
	4	01:01:09	01:02:45	00:01:31
	5	01:13:17	01:22:15	00:09:02

Quadro 1: cenas selecionadas do filme.

Fonte: os autores.

Os elementos filmicos escolhidos para análise se deram de acordo com a necessidade de apontar como o conteúdo referente ao período de caça às bruxas fluía e era apresentado ao público por meio destes. Após escolhidos esses elementos, deu-se então ênfase para o conteúdo histórico que eles apresentam e buscou-se trazer esse conteúdo por meio de autores que tratam do tema com um olhar atual e ajudam a fazer comparações e reflexões sobre a sociedade de Salém, em 1692, e nossa sociedade contemporânea.

Os acontecimentos da cidade de Salém podem ser interpretados até hoje de diversas maneiras e sob várias perspectivas e, para comportar essas reflexões diferentes e poder abordar as mais relevantes, os principais autores utilizados são Purdy (2007), Kocic (2010) e Layhew (s/d). Vale apontar que o filme *Paranorman* faz alusão à cidade de Salém por meio de sua cidade Blithe Hollow, logo, as referências e descrições contemporâneas encontradas na análise dizem respeito ao ano de 2012 nas duas cidades. Da mesma maneira, o julgamento da menina considerada bruxa em Blithe Hollow ocorre em 1712, já ao final do período de caça às bruxas americano, enquanto o conteúdo histórico presente no filme é estudado e apontado com base nos acontecimentos verídicos de 1692, ano em que iniciaram as primeiras acusações de bruxaria em Salém.

Para a análise fílmica, Brait (1985), Field (2001) e Aumont (1994), foram alguns dos autores utilizados como referência para ressaltar a importância das características, elementos e, composição de um filme em relação à mensagem que se quer ser tratada por meio dele, e como ela deve ser apresentada ao público para alcançar o objetivo do filme. Além disso, a análise trata ainda da representação das bruxas em nossa sociedade e para apresentar essa representação, buscou-se autores como Lippman (2008), que trabalha com a representação ligada aos conceitos de estereótipos; e Silva (2000), que busca unir representação, identidade e diferença em conceitos que tratam da formação de nossa percepção de outro e de nós mesmos em um ambiente repleto de significação e influência.

Em suma, nos próximos tópicos se contextualiza o objeto de estudo, assim como se apresentam os resultados da análise sob os vieses dos personagens, da função dramática, quanto à representação e ao conteúdo histórico.

3.1 Contextualização do objeto: o filme *Paranorman*

Blithe Hollow é uma cidade fictícia localizada em Massachusetts. Colonizada por puritanos, suas lojas, estabelecimentos municipais e ruas são personalizadas com referência às bruxas e aos julgamentos inquisitoriais que ocorreram no local séculos atrás. Na placa da cidade, logo vê-se o slogan “*Welcome to Blithe Hollow. A great place to hang!*”⁵, que faz um trocadilho com a imagem de uma sorridente bruxa pendurada em uma forca. Esses movimentos deixaram um legado cultural explorado pelo comércio e pelo turismo e este é passado pelas gerações como algo do que se orgulhar. Mas, como em toda cidade pequena, sempre há alguém que não concorda com a história e não se encaixa na comunidade por ser considerado “diferente”. Em Blithe Hollow, essa figura é Norman Babcock.

Norman é o herói que ninguém quer. Em Blithe Hollow, ele passa seus dias sendo vítima de *bullying* pela maioria dos moradores. Isso não acontece sem motivo, já que ele possui um peculiar comportamento: Norman conversa com os mortos. O garoto fissurado por zumbis e todo o contexto que compõe esse universo divide seu tempo entre as tarefas da escola, as conversas que tem com quem já morreu, - mas ainda não resolveu o que tinha por aqui -, e sua vida entediante em casa ao lado da irmã Courtney e dos pais Perry e Sandra. E, se na rua a implicância por parte de estranhos já é constante, em casa não seria diferente: Apoiado apenas pela mãe e a avó (no caso, o espírito da avó que já morreu), Norman tem a infelicidade de ser irmão de uma das garotas mais populares da escola e filho de um pai impaciente que insiste em afirmar que o comportamento do garoto é só uma forma deste chamar atenção.

Por mais que Norman viva isolado e não tenha muitos amigos – com exceção de Neil, um garoto gordinho que insiste em acompanhá-lo para todo lado –, sua rotina muda quando seu tio distante, o Sr. Prenderghast, aparece para lhe dizer que ele é o único que pode salvar a cidade da maldição de uma bruxa. Ainda meio cético sobre o feito que tem que realizar, Norman resolve ouvir o tio e tomar uma atitude.

⁵ *Hang* – em tradução literal significa “enforcar”, porém quando utilizada como *phrasal verb*, “*hang out*”, torna-se a expressão “passar bons momentos com alguém”. Por isso dá-se o trocadilho.

Antes de ter explicações suficientes, seu tio morre e Norman, sozinho e sem instruções, acaba falhando na missão, fazendo com que sete zumbis levantem de sua tumba e comecem a invadir a pequena cidade de Blithe Hollow.

Inconformado com sua falha, Norman começa a tentar descobrir um meio de acabar com a maldição e salvar a cidade. Porém, a história não é como ele esperava. Norman começa a ter visões do passado e descobre que os sete zumbis são, na verdade, sete inquisidores responsáveis, no ano de 1712, por julgar e enforcar Agatha Prenderghast, uma criança considerada bruxa, que desde então, durante anos assombra a cidade. Ele percebe que os sete senhores foram amaldiçoados por Agatha quando não ouviram os apelos da menina tentando provar sua inocência e a condenaram à força.

Ao construir um enredo com bases históricas, a Laika, produtora do filme, colocou em seus personagens características típicas de uma pequena cidade conservadora, o que os faz ter diferentes reações aos acontecimentos do filme. Assim, o garoto se vê como um mediador entre o ódio da bruxa, os sete inquisidores que querem sua liberdade e os moradores da cidade, que insistem em culpá-lo por tudo o que está acontecendo.

3.2 Resultados da análise

3.2.1 Os personagens

Os personagens, segundo a perspectiva de Brait (1985) e Field (2001), são uma parte essencial da narrativa já que possuem em sua vida interior e exterior características que muitas vezes refletem a condição humana. Por meio deles pôde-se ter uma percepção de questões sociais e culturais presentes no filme que envolviam diretamente a questão principal da análise: a inserção do conteúdo histórico sobre o período de caça às bruxas estadunidense. O autor Field (2001) classifica os personagens por meio de três categorias, as físicas (relacionadas à cor do cabelo, da pele, altura etc.), sociais (círculo social, família, amigos, etc.) e psicológicas (relacionadas às questões internas do personagem como suas dúvidas, anseios, frustrações, etc.). Brait (1985) classifica os personagens como planos (os superficiais, com personalidade fixa, previsíveis e sem muita profundidade) e redondos (aqueles que se desenvolvem ao

longo do filme e crescem de acordo com as situações envolvidas, sofrendo mudanças de caráter, valores, etc.).

A importância dos personagens como condutores de elementos referentes a esse conteúdo se deu em quatro, das cinco cenas analisadas e, exceto pela personagem Sra. Henscher, todos os personagens de *Paranorman* citados e presentes no filme foram constatados como redondos, pois possuíam uma profundidade ideológica maior e passaram por transformações que permitiram que o espectador percebesse mudanças em suas atitudes e em sua personalidade (BRAIT, 1985). Alguns inicialmente eram apresentados como planos, por serem tratados com o uso de estereótipos como o *valentão* ou a *líder de torcida*, porém, dadas as situações pelas quais passaram, sofreram modificações que despertaram neles novas ideologias e comportamentos mais profundos.

Na segunda cena, é da personagem Selma o desejo de querer saber realmente o que aconteceu no passado de sua cidade em contraste com o que a Sra. Henscher tenta ensinar aos alunos, que é apenas uma história que coloca os moradores como heróis triunfantes sobre o mal. Por meio da atitude de Selma, pode-se ter uma noção melhor da realidade por trás de toda a publicidade envolvendo as bruxas e o turismo da cidade de Blithe Hollow, ao mesmo tempo em que se tem na professora, um exemplo de totalitarismo e conservadorismo perigosos para o desenvolvimento das crianças que estão sob sua tutela. A terceira cena aproxima mais os personagens do cenário atual representado no filme e traz atores sociais de uma comunidade estadunidense mostrando um pouco do que o ser humano é capaz quando colocado sob pressão e perante o diferente (no caso, a invasão zumbi na cidade). Assim, é dos personagens, nessa cena, a responsabilidade de representar a complexidade do ser humano, e nela pode-se acompanhar atitudes violentas em pessoas com o estereótipo comum e até então inocentes de donas de casa, jardineiros, crianças, etc., que se revelam verdadeiros caçadores de bruxas.

As cenas 4 e 5 apresentam o foco nos personagens principais Norman e Agatha e sua realidade como vítimas de preconceito e intolerância social. Na quarta cena presencia-se o julgamento de Agatha, em 1712, e na última sua batalha interna para perdoar seus acusadores. Ambas utilizam da personagem para representar o contexto social histórico na qual as mulheres estavam inseridas em 1692 e também as consequências que podem surgir para a sociedade de atos impensáveis como os

juízos de Salém. Em *Ágatha* pode-se ver o destino de diversas outras mulheres que foram mortas sob acusação de bruxaria na cidade americana.

3.2.2 Quanto à função dramática

No desenrolar do filme, a função dramática foi também uma importante fonte para análise das cenas do longa. Por meio dela, percebeu-se elementos como ambientação, diálogos, narrativa e figurino, analisados com o objetivo de evidenciar o modo como estes representaram o conteúdo histórico presente em *Paranorman*. A ambientação foi, na primeira e na quarta cena, um dos fatores chave para a compreensão dos acontecimentos envolvendo Norman e Agatha. Na primeira, os cenários apresentam visualmente, sem a necessidade de diálogos, uma cidade totalmente voltada para o turismo temático bruxólico, com suas placas e estátuas temáticas, e pode-se perceber evidentemente ali a alusão à Salém, nos EUA, cidade que Purdy (2007) e Layhew (s/d) apontam como dependentes desse tipo de turismo que envolve o passado. Pode-se perceber o cuidado que os produtores do longa tiveram com detalhes mínimos, que em conjunto, criaram grande fonte de disseminação da imagem da bruxa como se conhece mais popularmente. Na terceira cena, em meio à gritaria e às acusações, percebe-se também um clima de semelhança à histeria em massa que Purdy (2007) e Layhew (s/d) analisam em seus trabalhos.

O figurino é outro fator que ajudou a caracterizar o conteúdo histórico em *Paranorman*, principalmente na segunda e na quarta cena. Na segunda, durante o ensaio das crianças para a peça teatral, as vestimentas que fazem alusão aos fundadores da cidade são o elemento histórico mais chamativo, pois pode passar ao público informações complementares sem que estas precisem ser citadas. Essas vestimentas podem ser presenciadas ainda em seu contexto original na quarta cena, durante o julgamento de Agatha. A fantasia de bruxa de Selma é outro elemento importante do figurino na cena 2, por ser motivador do diálogo que aponta a despreocupação dos moradores com a veracidade dos fatos recorrentes no passado da cidade.

Os diálogos, que segundo Field (2001), revelam os personagens e sua vida interna, foram essenciais nas cenas 2, 3, 4 e 5, para a compreensão dos conflitos presentes na vida dos moradores de Blithe Hollow e conseqüentemente seus papéis na história. A segunda cena é basicamente movida pelo diálogo, entre Selma e a Srta

Henscher, enquanto a terceira revela em palavras o espírito inquisidor presente nos moradores de Blithe Hollow quando eles começam a “anunciar bruxarias” e se reúnem para acusar Norman de compactuar com os zumbis. Os diálogos, na quarta e quinta cena, aproximam o público do cenário social de Agatha e é por meio deles que se tem uma melhor percepção da personalidade impiedosa dos puritanos durante o período histórico e de sua constante utilização do discurso contra as bruxas e os agentes do mal, para condenar inocentes; atitude comum em 1692, segundo Purdy (2007).

3.2.3 Quanto à representação

A representação utilizada no filme *Paranorman* foi observada sob os aspectos contemporâneos de identidade, diferença e estereótipo, com base em autores como Lippmann (2008) e Silva (2000), além da representação do conteúdo histórico evidenciada com base em Purdy (2007), Layhew (s/d) e Kocic (2010). A representação se manifestou de diversas maneiras e foi percebida sempre em função de seu conteúdo histórico e do comportamento social ligado a ele.

Esse elemento quando considerado visualmente, foi destaque na cena 1, por apresentar uma cidade com placas, fachadas e toda uma identidade visual que apresenta a bruxa como a tradicional figura com um chapéu pontudo e vestido preto, segurando uma vassoura. Essa representação que nos informa apenas superficialmente é apontada por Lippmann (2008) como uma das mais eficazes, pois nos faz compreender a informação parcialmente, enquanto preenchemos o resto dela com os conceitos que já possuímos ligados aos estereótipos. Na segunda cena, essa representação visual e negativa da bruxa vem novamente à tona por meio das roupas de Selma para a peça de teatro. Nas cenas 3, 4 e 5, a representação de identidade e diferença tem mais peso na análise de forma conceitual, pois mostra a construção de estereótipos e a forma como os atores sociais lidam com o diferente, deixando clara a concepção de exclusão do diferente apontada por Silva (2000). Há também a manifestação ideológica por meio do comportamento característico dos puritanos de Salém representados pelos moradores de Blithe Hollow, quando se reúnem para caçar os zumbis que chegaram à cidade.

Paranorman traz ainda a representação de estereótipos e os desconstrói ao longo do filme, como é possível ver na cena 3, quando Courtney e Alvin, os personagens construídos como a líder de torcida loira e egoísta e o brigão da escola passam a mostrar

empatia pela causa de Norman e revelam que as aparências enganam também quando se tratam de atores sociais com boa aparência e conceito, não apenas com as bruxas.

3.2.4 Quanto ao conteúdo histórico

O conteúdo histórico se faz presente nas cinco cenas analisadas de *Paranorman* e se manifestou visualmente, de forma conceitual ou por meio dos outros elementos presentes no filme. De um modo geral, a primeira cena foca na utilização do passado histórico para a construção de Blithe Hollow e como a cidade se orgulha do passado envolvendo o período de caça às bruxas. Assim como em Salém, Blithe Hollow cresceu e se desenvolveu graças ao seu passado sombrio e que aos poucos pôde ser mascarado para se tornar menos agressivo ao olhar contemporâneo (PURDY, 2007). A segunda cena também evidencia o conteúdo ligado à cidade e às tradições passadas para as novas gerações de estudantes. Nela pode-se perceber o interesse em manter vivo o conhecimento histórico, porém não pelos motivos sociais, e sim econômicos, outro fator comum na cidade de Salém (WEIR, 2012).

Na terceira e quarta cena, nota-se forte preocupação em mostrar a importância de se ir a fundo nos acontecimentos de Salém, nos EUA, pois o filme evidencia uma herança comportamental que assusta Norman e seus amigos quando eles percebem que, mesmo 300 anos depois da morte de Agatha, as pessoas da sua cidade ainda agem de maneira hostil contra àqueles que apresentam ameaça à sua zona de conforto. Por fim, na quinta cena têm-se a oportunidade de presenciar uma possível resolução pacífica de um dos casos de acusações de bruxaria, mesmo depois de tantos anos do crime contra Agatha.

De tal modo, os principais elementos relacionados ao período de caça às bruxas americano inserido em *Paranorman* foram o comportamento intolerante e radical dos puritanos com os acusados de bruxaria, o tipo de condenação aplicada àqueles que eram acusados de bruxaria na época, a popularização da imagem da bruxa ao longo dos anos e sua consequente transformação em ícone cultural. Além disso, se faz presente em toda a longa as heranças deixadas para a sociedade contemporânea desse episódio emblemático na história e como elas podem servir de exemplo para que se corrijam erros na conduta social.

4 Considerações finais

O famoso período de Caça às Bruxas, envolvendo os julgamentos e condenações das pessoas acusadas de bruxaria em 1692, nos EUA, marcou um episódio sombrio na história estadunidense. Motivados por um medo irracional, moradores da cidade de Salém, em Massachussets, após algumas adolescentes alegarem estarem sendo perturbadas por uma bruxa, começaram a apontar seus amigos e vizinhos como agentes do mal e servos do demônio. Criou-se assim um cenário de histeria que se alastrou rapidamente na comunidade puritana e condenou à morte dezenas de pessoas. Ainda hoje, esse episódio é estudado sob diferentes perspectivas e muitos autores tentam entender o que realmente aconteceu na época e quais os principais agentes motivadores desse comportamento hostil e intolerante. Religião, problemas financeiros, crenças no sobrenatural e, principalmente, abuso de poder, são alguns fatores comuns apontados por historiadores como responsáveis pelos acontecimentos em Salém.

O impacto do período de caça às bruxas na história faz com que, mesmo mais de três séculos depois, ele ganhe constante evidência na mídia, se destacando entre um dos mais importantes na história norte-americana. De tal modo, o cinema, assim como a literatura, o teatro, etc., apropriaram-se desse episódio e trazem o tema frequentemente à tona em obras que abordam questões envolvendo a caça às bruxas em Salém. O exemplo mais recente foi *Paranorman*, objeto de estudo deste trabalho.

O longa se apropria do conteúdo histórico sobre Salém para apontar como o preconceito e a intolerância estão ainda presentes na sociedade e têm consequências drásticas na vida dos atores sociais que o sofrem, mesmo em diferentes épocas da história humana.

Ao analisar *Paranorman* e o conteúdo histórico presente no filme, cumpriu-se os objetivos propostos com este trabalho por meio de uma análise das cenas do filme com a finalidade de identificar em elementos como a ambientação, diálogos, figurino, entre outros. Assim, com base em autores que tratam do tema histórico, o trabalho evidenciou, por meio dos personagens e da narrativa em *Paranorman*, como o comportamento de nossa sociedade atual, representada pelos moradores de Blithe Hollow, apresenta os mesmos padrões de intolerância e preconceito quanto ao “diferente”, presentes também séculos atrás nos moradores de Salém, nos EUA.

Com base nos autores estudados e no conteúdo de *Paranorman*, considera-se que Salém é importante, pois mostra a ocorrência de um comportamento intolerante que se repete ainda hoje com foco em outras vítimas. Portanto, este deve ser um episódio constantemente lembrado para que cada vez mais, os atores sociais percebam os danos de condenar ao outro por algo que não se entende ou não aceita.

Purdy (2007, p. 9) diz que “*Time changes what people fear*”⁶, e por isso pode-se perceber, ao longo da história, Salém se repetindo diversas vezes. Percebe-se ainda que, cada vez mais, essas repetições são acompanhadas e estudadas sob diversas perspectivas, sempre indo a fundo nesse tipo de comportamento social que exclui minorias.

É da natureza humana ter preconceitos, e Salém é a prova disso. O episódio retrata uma sociedade não muito diferente da atual, e que, quando se sente ameaçada de alguma maneira, está pronta para anunciar bruxarias. O preconceito e a intolerância que os moradores de Salém acusados de bruxaria sofreram não são diferentes do que os negros, as mulheres, os judeus, os homossexuais, e outros grupos que sofrem perante uma maioria seletiva e que categoriza como “diferente” tudo o que não condiz com seus conceitos de “igual”.

Logo, filmes como *Paranorman* são importantes, pois, ao atingirem grande parte da sociedade com sua ampla divulgação e visibilidade, ao poucos, tentam despertar nos atores sociais valores como a empatia, a aceitação do diferente e a compreensão daquilo que, muitas vezes, foram ensinados a odiar.

Para próximos estudos, sugere-se uma análise das referências pós-modernas presentes no filme *Paranorman*, principalmente referências ao gênero cinematográfico de terror que aparece em vários momentos do longa. Outra possibilidade é um estudo dos seres sobrenaturais em *Paranorman*, já que o filme é permeado por bruxas, zumbis e fantasmas, que podem render abordagens conceituais. Por fim, o conteúdo relacionado ao *bullying* no filme é um tema atual que pode ser abordado em um estudo, pois o ambiente escolar e familiar de Norman apresenta várias situações que vão ao encontro das que muitas crianças e adolescentes que sofrem *bullying* presenciam diariamente.

⁶ Tradução livre: O tempo muda o que as pessoas temem.

Referências

ABDALA JÚNIOR, R. O cinema na conquista da América: um filme e seus diálogos com a história. **Revista Brasileira de Educação**, v. 13, n. 37, p. 123-137, 2008.

AUMONT, J. **A estética do filme**. Campinas, SP: Papirus, 1994.

_____; MARIE, M. **Dicionário teórico e crítico de cinema**. 5. ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

BRAIT, B. **A personagem**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1985.

FIELD, S. **Manual do roteiro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

FISCHER, R. M. B. Mídia e educação da mulher: uma discussão teóricas obre modos de enunciar o feminino na TV. *Revista Estudos Feministas*, v. 09, n. 2, p. 586-599, 2001.

KOCIC, A. Salem witchcraft trials: the perception of women in history, literature and culture. *Linguistics and Literature*. **Facta Universitatis**, v. 8, n.1, p. 1-7, 2010.

LAYHEW, A. The Devil's in the details: A comprehensive look atthe Salem witch mania of 1692. **Journal of Student Historical Research**, Tennessee, p. 12-33, s/d. Acesso em: 31 mar. 2017.

LIPPMANN, W. **Opinião pública**. São Paulo: Vozes, 2008.

LUCENA JÚNIOR, A. **Arte da animação**. 3. ed. São Paulo, 2001.

PURDY, S. Conjuring history: the many interpretations of the Salem witchcraft trials. **Rivier Academic Journal**, Rivier, v. 3, n. 1, p. 1-18, 2007.

SILVA, T. **Identidade e diferença**. 2. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

STAM, R. **Introdução a teoria do cinema**. Campinas, SP: Papirus, 2003.

TARAPANOFF, F. P. A. Jornalistas no cinema: imagens e representações. In: **Anais... XXXIV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**. Recife, 2 a 6 de setembro de 2011, p. 1-14.

WEIR, R. E. **Bewitched and bewildered**. *Historical Journal of Massachusetts*, Massachusetts, v. 40, pp. 178- 211, 2012.